



Falar alemão após a Nacionalização: silenciamento, memória e identidade (1946-1970)¹

Speaking German after the Nationalization Campaign: silencing, memory and identity (1946-1970)

Hablar alemán después de la Campaña de Nacionalización: silenciamiento, memoria e identidad (1946-1970)

André Procópio Gomes²

Recebido em: 21 fev. 2025
Aceito para publicação em: 7 abr. 2025

Resumo: A língua alemã lidou com um processo de silenciamento durante a ditadura do Estado Novo, porém sua prática orgânica não foi extirpada. Assim que a Segunda Guerra acabou e a democracia foi estabelecida no Brasil, foram empreendidos esforços pela sua retomada e manutenção. Elemento central para a justificativa de uma identidade alemã, observamos nas décadas seguintes ao pós-guerra uma diminuição de seu exercício, mas não do sentimento de distinção identitária. É por meio da história da língua alemã no Brasil após a Segunda Guerra que podemos

¹ O artigo apresentado é fruto da pesquisa realizada e apresentada na tese *A construção da memória: identidade e narrativa na Blumenau pós-Campanha de Nacionalização (1946-1980)*, na qual é abordado como a língua alemã, a consolidação de um *corpus* histórico e o advento do turismo moldaram uma narrativa sobre o passado em torno de Blumenau.

² Doutor em História do Tempo Presente pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Professor permanente do quadro de ensino básico do estado de Santa Catarina e professor colaborador no Departamento de História da Udesc.

compreender as transformações identitárias ocorridas numa parcela da população que insiste em se justificar distinta do restante do Brasil, tomando como caso a região de Blumenau entre as décadas de 1940 e 1970. Neste artigo pretende-se desenvolver uma análise ampla em torno das rupturas e continuidades identitárias enquanto “ser alemão”, tendo como base uma história da língua alemã na região de Blumenau após a Campanha de Nacionalização do Estado Novo.

Palavras-chave: língua alemã; História do Tempo Presente; memória; racismo.

Abstract: The German language was silenced during the Estado Novo dictatorship, yet its use persisted beyond this period of persecution. With the end of World War II and the reestablishment of democracy in Brazil, efforts emerged to revive and preserve the German language. As a core element of German identity, we can observe in the post-war period a decline in native German speakers in Brazil, though not in the identitarian distinction upheld by German descendants. It is through the history of the German language in Brazil after World War II that we can grasp the shifts in identity among segments of the Brazilian population who continue to present themselves as distinct from other Brazilians due to their German ancestry. Through a case study of the history of the German language in Blumenau between the 1940s and 1970s, this paper aimed to analyze the processes of change and continuity surrounding the being German sense following the Nationalization Campaign of the Estado Novo regime.

Keywords: German language; history of present time; memory; racism.

Resumen: La lengua alemana fue silenciada durante la dictadura del Estado Novo, pero su práctica persistió mismo después de ese momento de persecución. Cuando se terminó la Segunda Guerra Mundial y la democracia fue establecida en Brasil, hubo un esfuerzo para retomar y mantener la práctica de la lengua alemana. Punto clave para comprender la identidad alemana, se nota una reducción de su ejercicio, pero no del sentimiento de distinción identitaria. Es por medio de la historia de la lengua alemana que se puede comprender el cambio identitario que ocurrió entre la parcela de brasileños que, por su origine vinculada a la inmigración alemana, insiste en presentarse como distinta de los demás compatriotas. Por el estudio de la región de Blumenau, entre las décadas de 1940 y 1970, se desarrolla un análisis histórico de la lengua alemana, considerando las dinámicas de ruptura y continuidad, con énfasis en la construcción identitaria de ser alemán en el contexto posterior a la Campaña de Nacionalización del Estado Novo.

Palabras clave: lengua alemana; historia del tiempo presente; memoria; racismo.

INTRODUÇÃO

Com o projeto de branqueamento e a vinda de imigrantes europeus para o Brasil no século XIX (Schwarcz, 1993), instalou-se uma série de comunidades onde o hábito de falar alemão se tornou comum. A inserção de comunidades falantes de línguas alóctones originou uma tensão no processo de formação do Brasil. Considerando a síntese de Bresser-Pereira (2015, p. 59-78) de que no Brasil a formação do Estado precedeu a Nação, veremos desde a Independência uma busca por forjar essa nação. Como é típico dos processos de formação de “comunidades imaginadas” (Anderson, 1991), veremos uma pasteurização das identidades. Geralmente foram processos que buscaram favorecer aspectos e grupos em detrimento de outros, gerando uma série de tensões nacionalistas e identitárias ao longo dos séculos XIX e XX.

No caso brasileiro, essa tensão foi marcada pela Nacionalização, iniciada em 1937 durante o governo do Estado Novo. Ela compreendeu a repressão aos falantes de línguas alóctones relacionadas aos imigrantes, em especial os ligados às línguas alemã, italiana e japonesa, situação que se agravou com a entrada do Brasil ao lado dos Aliados na Segunda Guerra em 1942. Durante tal evento, foram comuns violências nos mais variados níveis, visando à interrupção do hábito de falar esses idiomas de origem estrangeira. Esse é um episódio bem documentado (Fáveri, 2004; Campos, 2006), mas que deixa uma página não resolvida nas regiões onde a Campanha de Nacionalização foi mais atuante. Temos uma motivação geral em suprimir uma identidade alemã, dado que o ato de falar tal língua era um dos pilares dessa identidade (Seyferth, 1981, 1999). Falar alemão era algo fundamental para se justificar como pertencente a essa etnia, seja na Europa ou na América.

Ao mesmo tempo, estudos recentes observam como esse processo de perseguição linguística também é rodeado por uma disputa entre distintas elites políticas catarinenses, situadas em contextos geográficos e culturais opostos no estado de Santa Catarina, o que explicaria em grande medida a tentativa de coibir os falantes de alemão (Hackenhaar, 2015). Temos assim uma situação particular diante da prática de falar alemão “naturalmente” (como língua-mãe). Apesar de atualmente ser praticado em menor grau e com certa distinção do alemão falado na Europa, no contexto brasileiro o ato de falar alemão persistiu e possui uma história própria. Com exceção dos dois censos realizados durante o Estado Novo e a sua Campanha de Nacionalização, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) não realiza o levantamento linguístico da população, porém é seguro afirmar que, mesmo ainda praticado, o uso orgânico da língua alemã apresenta um declínio no Brasil ao longo do século XX, sendo esse episódio relacionado à Segunda Guerra.

O que se propõe analisar neste artigo é a trajetória da língua alemã após o momento mais intenso da Campanha de Nacionalização da ditadura Vargas. O idioma era um dos pilares mais unificadores e centrais para a justificativa de uma identidade alemã, e em grande medida essa característica explica a perseguição ao ato de falar alemão durante o Estado Novo. O que ocorre, porém, é que a prática de falar alemão nunca foi de todo suprimida. Conforme apontam estudos linguísticos de Maristela Fritzen (2008a) e Valéria Mailer (2003), o ato orgânico de falar alemão persistiu. E, mais do que isso, a principal continuidade parece estar na persistência de uma identificação distinta da brasileira entre muitos dos indivíduos relacionados a essas comunidades de origem imigrante. Aqui é possível fazer uma analogia com o filme *Bacurau* (2019), em que dois personagens brasileiros, por serem oriundos de colônias de imigrantes alemães e italianos no sul do Brasil, se colocaram como próximos aos personagens de origem estadunidense e europeia e distantes dos brasileiros nordestinos que haviam assassinado recentemente. Os brasileiros insistiam em sua branquitude e proximidade com os EUA e a Europa, o que lhes foi negado pelos estrangeiros.

A indagação desta pesquisa sobre a língua alemã no Brasil após a Nacionalização surgiu da persistência de um sentimento de não ser brasileiro, mesmo diante da decadência de uma prática cultural tão central para essa identidade poucas décadas antes – no caso, falar alemão. Apesar de este ainda ser praticado, sua capilaridade e frequência é cada vez mais incomum. O sentimento de distinção, porém, permanece. Observando o que ocorreu com a língua, podemos compreender por quais caminhos uma dupla identidade se resignificou. Há claramente um jogo de rupturas e continuidades – no caso, o caminho pelo qual se coloca uma particularidade identitária em relação ao Brasil e a persistência desse sentimento. Tal evento é paralelo à Segunda Guerra e impacta profundamente o presente, no sentido de que a língua alemã era um ponto central para pensar a tensão em torno da identidade alemã (na Europa ou fora dela).

Cabe analisar o que ocorreu com esse idioma para compreender a tensão identitária em que se nota uma certa arrogância em relação ao *resto do Brasil*. Ou seja, se o que justificava uma identificação distinta a esses imigrantes e descendentes era falar alemão, o que ocorre com o hábito desse idioma permite entender a transformação dessa identidade.

A LÍNGUA

A historiadora Méri Frotscher faz um bom resumo do processo ocorrido ao apresentar tal questão como de *identidades móveis* (2007), dada a transformação desse entendimento identitário. O historiador Roberto Marcelo Caresia (2000) sintetiza o processo por meio da interpretação de que a derrota humilhante da Alemanha na Segunda Guerra Mundial e o fato de os EUA despontarem como a grande potência colocaram em descrédito qualquer orgulho em *ser alemão*. Viu-se uma profusão de produtos dos EUA substituir nas prateleiras o que era ocupado muitas vezes por marcas alemãs. Houve também toda uma série de notícias da derrota alemã a partir da entrada do Brasil na guerra ao lado dos EUA em 1942 (ponto de virada no rumo do conflito), até uma derrota humilhante em 1945. Na primeira metade do século XX, houve em Santa Catarina uma conexão comercial muito intensa com a Alemanha, a ponto de em 1908 51,3% do comércio exterior do estado ser realizado com os alemães (Falcão, 2000, p. 75). Isso nos ajuda a imaginar a dimensão da ruptura instaurada com a Primeira Guerra (1914-1918), quando tivemos uma primeira Campanha de Nacionalização (Mauch; Vasconcellos, 1994), seguida pela segunda Campanha de Nacionalização, iniciada com o Estado Novo (1937-1945). Ao longo desse processo, a Alemanha foi deixada de lado em prol dos EUA, país ganhador da guerra e fornecedor de gama cada vez maior de produtos.

Porém, com o desenvolvimento do turismo – algo bastante abordado e consolidado no trabalho de Maria Bernardete Ramos Flores (1997) –, lugares como Blumenau e Brusque passaram a apontar sua origem na colonização alemã como justificativa para festas de contorno folclórico, num claro processo de *invenção das tradições* (Hobsbawm; Ranger, 2002; Machado, 2011), o que nos sugere que essas pessoas passaram por uma metamorfose identitária, esquecendo que eram alemãs e posteriormente lembrando que o eram. Quando observamos o que se passou com a prática de falar alemão, entretanto, notamos uma trajetória mais complexa diante da estratigrafia do tempo. Como nos ensina Fernand Braudel (2009, p. 46), “o tempo curto é a mais caprichosa, a mais enganadora das durações”.

Observando o periódico *A Nação*, encontraremos entre os anos de 1953 e 1962 a publicação de uma coluna alemã (*Deutsche Spalte*) de forma regular. Jornal ligado aos Diários Associados de Assis Chateaubriand, adotava o subtítulo *o mensageiro da floresta* em homenagem ao periódico *Der Urwaldsbote*, do qual adquirira o maquinário de impressão e que teria esse significado (Da Silva, 1977, p. 114)³. Tanto o *Der Urwaldsbote* quanto o *A Nação* foram periódicos produzidos, impressos e distribuídos em Blumenau (SC) e região. Apesar de a primeira coluna alemã aparecer em 8 de maio de 1953, observamos em 1947 um artigo de opinião com o título “Página Alemã”⁴, no qual é

³ Na tese de Méri Frotscher (2003), veremos que o jornal *Der Urwaldsbote* tinha uma tendência mais integralista e não se furtava a fazer elogios ao Partido Nazista.

⁴ Ao longo de toda a análise do periódico *A Nação*, observou-se ser incomum a assinatura das reportagens ou colunas; quando raramente ocorriam, tudo indica o uso de pseudônimos.

dito que dentro de alguns dias, “objetivando uma ação cultural mais ampla e indo de encontro aos anseios da coletividade”, o jornal “iniciará a publicação de uma página no idioma alemão”. Seus assuntos seriam variados e voltados “às laboriosas zonas agrícola, pastoril e industrial deste Município e do Vale”, apesar de um foco maior nos colonos⁵, que estariam afastados do debate público, por não existirem jornais que atendessem sua prática idiomática. “O colono”, coloca o jornal, “necessita de ler e a nossa obrigação é trazê-lo, pelo jornal, ao nosso convívio, à nossa campanha de brasilidade”, o que é finalizado com o apelo de que “esperamos que a iniciativa deste jornal seja bem compreendida pelos patriotas sinceros” (Página Alemã, 6 fev. 1947, p. 4).

Na edição seguinte, em 7 de fevereiro de 1947, o periódico *A Nação* publica novo artigo de opinião com o título “Página Alemã”, colocando o quanto haviam sido mal interpretados. Também se afirma que os membros do jornal não se dirigiram às “autoridades constituídas, ao exmo. sr. dr. Oscar Leitão, integro juiz de direito da comarca”, muito menos “ao exmo. sr. Irapuan Xavier Leal”, então comandante do quartel de Blumenau, “nem à sua oficialidade, os quais sabemos contrários a nossa iniciativa”, apesar de todos serem “dignos da nossa admiração pelo que têm feito em prol da nacionalização deste Vale”; também não se referiam ao “exmo. sr. dr. José Ribeiro de Carvalho, [...] promotor público, a quem, em breve teremos de recorrer”, nem ao Delegado Regional de Polícia ou ao prefeito Germano Beduschi⁶ e “nem aos patriotas inteligentes e cultos e sinceros, que, felizmente, estão nos entendendo”. Ao final a nota explica que se direcionava “apenas a alguns indivíduos que, há dias passados, vinham provocando pessoalmente os membros da atual diretoria” (Página Alemã, 7 fev. 1947, p. 1). A discussão prolonga-se, e pela terceira vez o título “Página Alemã” esclarece que “a nossa Página Alemã sairá”, pois sua existência está de acordo com a Constituição, “caso contrário, não a faríamos nunca”. Reafirmam seu objetivo, que é antes de mais nada “trazer o colono, desconhecedor do português, ao nosso convívio, a nossa nacionalidade”, e com isso “faremos, em alemão, uma verdadeira campanha nacionalizadora, pregando ao colono o estudo do vernáculo, o amor a terra e a história brasileiras”. O jornal se pergunta: “Quem se oporá a isso?”. E, de pronto, responde: “Somente os energúmenos e os incapazes, os tolos e os imbecis, os arbitrários e os arrelentos, enfim, todos os patrioteiros de cafés que não enxergam um milímetro adiante dos narizes” (Página Alemã, 8 fev. 1947, p. 1).

Em três edições seguidas foram publicados textos demonstrando a tensão ainda presente em torno do hábito de falar alemão em detrimento do português, tensão clara com as autoridades jurídicas e militares, principais silenciadores desse idioma. Nos dias seguintes a polêmica continua a ser publicizada no periódico, que traz um novo artigo de opinião com o título “Nada de ondas”. O periódico coloca que o promotor José Ribeiro de Carvalho foi até a sede do *A Nação* para esclarecer a referência à sua pessoa na coluna anterior, o que segundo é posto foi entendido pelo promotor como um ataque a ele. Conforme coloca o jornal, “sabemô-lo contra nós”, e continua: “Disse-nos S. S. que, ontem, hoje e sempre; esteve, está e estará contra a publicação de uma página alemã neste jornal” (Nada [...], 1947, p. 1). E *A Nação* destaca em letras garrafais: “Estamos com a lei que, neste instante garante a nossa integridade física e o patrimônio deste jornal”. Afinal, em 1946 houve a promulgação de uma nova Constituição, a mais liberal até aquele momento na história brasileira (Skidmore, 1982). Em seguida, esclarece-se:

⁵ O termo “colono” na Região Sul é normalmente utilizado como referência aos habitantes das zonas rurais, que geralmente mantêm características étnicas ligadas à sua origem imigrante. É comum falar “colono alemão/italiano/ucraniano/polonês” etc., para se referir aos descendentes dessas levas migratórias que habitam o interior e tiram seu sustento do meio rural.

⁶ Germano Beduschi era o prefeito da cidade de Blumenau em 1947, porém não foi eleito pelo voto popular, sendo um rescaldo do Estado Novo.

“Não requeremos, por enquanto, o mandato [sic] de segurança, mas, preventivamente comunicamos ao Exmo. Sr. Ten. Cel. Comt. do 32^a B.C., Irapuan Xavier Leal, o teor do telegrama que dirigimos a Secretaria de Segurança do Estado”, no qual se pedia a garantia de segurança e integridade do jornal e de seus funcionários (Estamos [...], 1947, p. 8). Ao longo de sua publicação no periódico, encontramos na *Deutsche Spalte* basicamente resumos de notícias internacionais e, em menor intensidade, nacionais e locais.

Diante dessas adversidades, a página alemã anunciada em 1947 apareceu como coluna cerca de 6 anos depois, em 1953. Em grande medida, esse episódio aparentemente anedótico demonstra-nos como praticar o idioma alemão era objeto de tensão, mesmo já findado o Estado Novo e a Segunda Guerra. Como escutei num comentário verbal de Méri Frotscher durante a defesa de minha tese⁷, o que temos não é uma Campanha de Nacionalização exclusiva do Estado Novo de Vargas, mas campanhas de nacionalização que pretendiam frisar a continuidade da política de colocar o português como a única língua do Brasil. Houve continuidade desse projeto mesmo após o fim do Estado Novo, e sua consequência mais perene é o mito do monolinguismo brasileiro, de que todos falam português. Tal questão é observada pelo pesquisador Gilvan Müller de Oliveira (2008), em como os censos nacionais e regionais não consideram a questão idiomática e como apenas no primeiro governo de Luís Inácio Lula da Silva (2002-2006) houve a liberação para escolas regulares terem aulas em idiomas que não o português. Tal medida teve como objetivo atender às populações indígenas, mas também serviu para as escolas bilíngues, que proliferaram desde então⁸. Diante do respeitável trabalho realizado pelo IBGE, que visa dar conta da complexidade da sociedade brasileira, realmente chega a ser espantoso não haver uma preocupação linguística nos censos, exceto no momento mais ativo de um processo de silenciamento de idiomas que não fossem o português.

Muito dessa questão aparece nas revistas internas dos Clubes 25 de Julho, os quais constituem uma rede existente em várias regiões do Brasil e buscam ser um espaço de manutenção da cultura alemã. Em Blumenau, o Centro Cultural 25 de Julho é reconhecido por seu serviço de *buffet* e pela manutenção de grupos de dança e canto em língua alemã. Sua fundação ocorreu “em 1.º de maio de 1954 por um grupo de interessados na manutenção e preservação dos valores culturais dos nossos antepassados”, conforme é posto em seu breve histórico redigido em 1979 e presente no acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva (AHJFS), de Blumenau. Seu objetivo principal é resumido de acordo com o 2.º artigo de seu estatuto, que é

manter contato com a cultura daqueles países, donde descendem nossos associados, conservando os idiomas, costumes e tradições que contribuiram para a formação de um patrimônio cultural, que, profundamente cultivado entre nós, deve ser posto a serviço do Brasil, no fomento de seu progresso (Dossiê “Sociedade 25 de Julho”, 1978).

⁷ Tese defendida em 31/5/2021. Mais informações em: <https://www.udesc.br/faed/ppgh/teses/2021>.

⁸ Até esse momento eram proibidas escolas no Brasil cuja língua de instrução não fosse o português. Algum grau de autorização especial era concedido em locais como Brasília, que, dado o grande volume de embaixadas, permitia haver algumas escolas estrangeiras para que os filhos de diplomatas tivessem uma continuidade de seus estudos diante das constantes mudanças (tradicionalmente são escolas francesas ou inglesas). Em princípio cidades como Pomerode ou Blumenau adotaram o caráter bilíngue em algumas escolas para atender às populações ainda falantes do alemão, porém, como observado por Maristela Fritzen (2008b), o alemão era ensinado como língua estrangeira e não como idioma de alfabetização, ignorando as características próprias do alemão praticado em tais regiões. No caso de Blumenau, houve um esforço para a instrução do alemão nessas poucas escolas respeitando a variante local no fim da gestão do prefeito Décio Lima (1997-2005), do Partido dos Trabalhadores, porém com a eleição de novo prefeito a proposta pedagógica foi abandonada, e o alemão voltou a ser tratado como língua estrangeira.

Notamos que mesmo em 1979 existe uma considerável cautela em colocar o objetivo de promover a cultura alemã. E há o cuidado em reforçar o compromisso nacionalizador da associação cultural.

Na revista referente a uma apresentação do Centro Cultural 25 de Julho em 1957, estão impressos em sua capa, primeiro em português e depois em alemão, os dizeres “À memória dos nossos antepassados, para a nossa edificação e para a glória da nossa pátria”, o que é traduzido logo abaixo: “*Unsern Vätern zum gedächtnis, uns zur lehre, unsern Vaterland zum heil!*” (Dossiê “Sociedade 25 de Julho”, 1957, p. 1). Temos elementos significativos no material produzido pelo Centro Cultural 25 de Julho. Um exemplo é a poesia de Juanita Schmalenberg Betzner, intitulada *Zum 25. juli*, algo como “Por ocasião do dia 25 de julho”. Os versos trazem elementos interessantes para pensar o entendimento de *Deutschtum*⁹ no pós-Nacionalização. Para compreender seu conteúdo, vejamos alguns versos: “*Heute ist der Tag der Vaeter, es sei auch unser Tag!*”, e “*mit Tränen, Blut und Schweiss, das war die deutsche Kraft, das war die deutsche Fleiss*” (Dossiê “Sociedade 25 de Julho”, 1957, p. 5). Em tradução livre, seria: “Hoje é o dia de nossos antepassados, e este também é o nosso dia”; e “com sangue, suor e lágrimas, esta é a força alemã, esta é a competência alemã”. Apesar dos quase 10 anos de esforço em sufocar o *alemanismo* dos descendentes de imigrantes, ainda podemos perceber traços intensos de permanência de uma identidade teuto-brasileira.

Nisso é significativo o poema “*Vergesst die deutsche sprache nicht*”, “Não esqueça a língua alemã”. Esse poema sem autor faz uma ode ao uso da língua alemã, sendo sua última estrofe:

*Die deutsche sprache soll erklingen
Wo unsere Hand den Herd erbaut
Frei aus dem Herzen soll sich ringen
Das Lied im angestammten laut
Das Schöne, Edle, Ernste, Grosse
Und Treue, Wahrheit, Tugend, Licht
Bleib' eigen unseres Herzens Sprache
Vergesst die deutsche Sprache nicht.*

A língua alemã deve soar
Onde a mão construiu o aconchego
Livre no coração deve soar
Alto a canção dos antepassados
O belo, o nobre, o sério, o grande
e a lealdade, a verdade, a virtude e a luz
ficamos fiéis a nossa língua do coração
não esqueça a língua alemã.
(Dossiê “Sociedade 25 de Julho”, 1957, p. 16)

O significativo apelo encontrado em materiais do Centro Cultural 25 de Julho à manutenção do hábito de falar alemão e sua conexão entre passado e presente são algo marcante. O que notamos nas décadas de 1950 e 1960 foi um esforço pela manutenção da língua alemã em espaços públicos. Conforme os trabalhos de Mailer (2003), Fáveri (2004), Campos (2006) e Fritzen (2008a, 2008b) apontam bem, o principal efeito da Campanha de Nacionalização foi colocar a prática do alemão na oralidade e na esfera privada, geralmente entre familiares e amigos próximos. Um elemento que pode ser indicador desse aspecto é a prevalência do informal *du* (tu) em relação ao formal *Sie* (você) nos falantes orgânicos de alemão com os quais manteve contato no Vale do Itajaí. Também, por ser um aprendizado oral do alemão, fora de um espaço formal como a escola, as questões gramaticais acabam não sendo trabalhadas no exercício da língua. O que se afirma diante disso é que a prática da língua alemã perdeu seu aspecto público e se restringiu à esfera privada. A Coluna Alemã e o Centro Cultural 25 de

⁹ Ao pé da letra, *Deutsch* significa “alemão” e *tum* é um indicativo de raiz, de origem. O termo *Deutschtum* era bastante utilizado no século XIX e começo do XX como unificador dos pulverizados povos de língua alemã, indicando a forte pauta identitária na prática do idioma – e também da descendência. O termo é bem desenvolvido no trabalho clássico de Giralda Seyferth, *Nacionalismo e identidade étnica*, de 1981.

Julho apontam, porém, um esforço conjunto de manutenção da língua alemã em espaço público. Ainda ocasionalmente promovida pelos Centros Culturais 25 de Julho, veremos uma certa profusão de atrações culturais em língua alemã nas décadas de 1950 e 1960, especialmente o teatro. Negócios também eram realizados em alemão nas páginas do periódico *A Nação*. Ou seja, houve esforço e investimento na continuidade do alemão na esfera pública, o que demonstra sua importância.

TEATRO, CLASSIFICADOS E CASAMENTOS

Uma das atividades culturais em língua alemã mais constantes são as apresentações teatrais. Muitas das atividades produzidas pelo Centro Cultural 25 de Julho de Blumenau ou das atrações encontradas nos classificados e propagandas do *A Nação* eram peças teatrais. Vários espetáculos anunciados eram de trupes ou artistas em turnê pelo Cone Sul, como podemos perceber quando a *Deutsche Spalte* avisou que o espetáculo de marionetes de Hohensteiner vinha de Porto Alegre para Blumenau e que a peça seria em língua alemã: "*dieses Marionettentheater wird in deutscher Sprache*" (*Die Hohensteiner* [...], 1958, p. 3). Mais tarde, em 1961, as marionetes de Hohensteiner fizeram nova apresentação "a pedido" (Teatro [...], 1961, p. 4). Também houve apresentações, realizadas por Voli Geiler e Walter Morath, do Teatro Suíço de Variedades, prometendo "duas horas de gostosas gargalhadas em alemão, português e inglês" (Teatro [...], 1958, p. 2), o que nos demonstra interesse pelo contato com a língua alemã. Nesses espetáculos, dois grupos teatrais eram bastante frequentes: *Die Deutschen Kammerspiele*, do Chile, e o Grupo Teatral Independente de Curitiba, Paraná. Ambas as companhias tinham os seguintes aspectos em comum: tratava-se de pessoas que tinham alguma experiência prévia com o teatro na Europa e, ao migrarem para a América do Sul, exerceram outras atividades profissionais enquanto adotavam o teatro como atividade amadora, ou seja, não era seu sustento, mas possuíam o devido domínio da atividade. Também tinham apoio de empresários para suas viagens, extensas e significativas, especialmente o *Die Deutschen Kammerspiele* (Teatro de Câmara Alemão), o que é patente ao serem observados os programas das apresentações e a presença dessas empresas. Apesar do sucesso inicial, vários aspectos tornaram cada vez mais dificultosa a sua sobrevivência ao longo da década de 1960, sendo o Grupo Teatral Independente dissolvido em 1968 e o *Die Deutschen Kammerspiele* encerrado em 1972; suas peças eram em língua alemã.

Die Deutschen Kammerspiele foi formado em Santiago do Chile em 1949 por Reinhold Olszewski e Sylva Denzler. Ambos já possuíam experiência com teatro na Europa e vieram para a América Latina em busca de oportunidades ante uma Alemanha destruída pela guerra. Apesar de não estar nos planos deles quando se mudaram, fundaram *Die Deutschen Kammerspiele* (Lange, 2006). De acordo com os folhetos encontrados no Arquivo Histórico de Blumenau, *Die Deutschen Kammerspiele* fez apresentações na cidade periodicamente. Apesar de nem todos os documentos possuírem o ano, é seguro afirmar que ocorreram apresentações em 1962, 1963, 1965, 1967, 1969 e 1971. Era lugar-comum nos programas um pequeno texto de boas-vindas intitulado *Zum Willkommen* (Sejam bem-vindos), escrito por alguém identificado apenas como HWT. No programa de 1971 o texto demonstra a satisfação que era receber o grupo na cidade de Blumenau, afirmando que a vinda do *Die Deutschen Kammerspiele* era o acontecimento cultural do ano entre os falantes de alemão do Vale do Itajaí: "*für den deutschsprachenden Teil der Bevölkerung des Itajaí-Tales das jährliche kulturelle Ereignis darstellen*" (Dossiê "Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes" – 9.11.2.4.1, s.d.). Salvo algumas exceções, todo o texto escrito nos programas da *Deutschen Kammerspiele* está em alemão, inclusive as muitas propagandas, que em sua maioria

são de estabelecimentos e indústrias da região de Blumenau, demonstrando um forte engajamento do empresariado local: Hemmer, Foto Dietz, Relojoaria Schwabe, Rodolpho Kander Camisas, Chocolates Sander, Turismo Holzmann, Hering, Grande Hotel, Sulfabril, Companhia Comercial Schrader, Confeitaria Socher, Casa Fleisch e Casa Meyer. Também aparecem empresas de escopo nacional, como a Varig e a Renner.

O Grupo Teatral Independente era chefiado pelo imigrante alemão Willi Polewka e tinha bastante prestígio e exposição nas páginas do periódico. Tanto que na *Deutsche Spalte* houve uma coluna inteira dedicada ao Grupo e a Polewka, que logo apresentariam sua peça de grande sucesso, *Jedermann* (Gastspiel [...], 1959, p. 6). Wilhelm Herrmann Polewka, o Willi Polewka, nasceu em Breslau no ano de 1902. Ele imigrou para o Brasil entre 1923-1924 e já possuía uma carreira como ator na Alemanha (Silveira, 2012, p. 49-50). Os espetáculos do grupo foram anunciados repetidas vezes nas páginas do *A Nação*, e foi encontrado considerável material sobre ele no Arquivo Histórico de Blumenau quando verificado o acervo sobre o Teatro Carlos Gomes nas décadas de 1950 e 1960. É notável como a sua peça *Jedermann* teve propagandas no jornal, bem como um programa completo, contendo fotos dos integrantes do grupo. Em alguns programas do *Deutschen Kammerspiele* temos avisos de que logo haveria apresentações do Grupo Teatral Independente (Dossiê “Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes” – 9.11.2.4.1, 1963).

Em um programa de *Jedermann* temos em destaque que a peça era encenada internacionalmente apenas em alemão, pois não havia como traduzir seu sentido para outra língua: *“Jedermann wird auf den internationalen Bühnen nur in deutscher Sprache aufgefuehrt, da das Werk noch nicht in eine fremde Sprache übersezt worden int”* (Dossiê “Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes” – 9.11.2.4.1, s.d.). Isso demonstra uma veiculação da importância da língua alemã, que deveria ser mantida. Apesar de ser uma observação discreta, temos uma valorização do alemão e do seu uso. Há o reconhecimento da manutenção de um entendimento de mundo em torno da língua alemã. Percebemos a permanência de tal elemento nessas miudezas, ainda que, evidentemente com o passar dos anos e com a impossibilidade de reabertura das escolas alemãs, foi se dificultando e rareando cada vez mais o uso público da língua alemã. Notamos, entretanto, o esforço para a continuidade do idioma alemão no espaço público.

Quanto ao histórico dessas duas companhias amadoras de teatro e outras peças, observamos que, conforme avançava a década de 1960, elas foram escasseando. Sua intensidade diminuiu. Uma explicação para isso é encontrada no trabalho de Fernanda Baukaut Silveira (2012, p. 59), que, tendo um acesso privilegiado ao espólio de Willi Polewka, encontrou anotações sobre o público das apresentações do grupo, que diminuiu após a empolgação inicial. A principal reclamação de Polewka era a dificuldade de encontrar pequenos auditórios para as apresentações. Outro impasse era que com a instauração da ditadura militar no Brasil em 1964 havia a censura, a qual foi endurecida em 1967, sendo esse um fato “marcante para o Grupo Teatral Independente, influenciando negativamente seu trabalho, já que, além de todos os procedimentos comuns aos outros grupos brasileiros de teatro, suas peças deveriam ser traduzidas para o idioma português, para serem submetidas à liberação” (Silveira, 2012, p. 23). O avanço das ditaduras militares na América do Sul ao longo das décadas de 1960 e 1970 tornou o cenário desfavorável, seja pela censura, situação política incerta ou crises econômicas que marcaram o período. Em contraste com a Alemanha e a Áustria reconstruídas, e com maior segurança política e econômica, o atrativo para regressar era considerável. Nicola Lange (2006) afirma que muitos imigrantes de língua alemã que vieram após a guerra começaram a regressar conforme as ditaduras avançavam. Também é relatado nos trabalhos de Fernanda B. Silveira (2012) e de Nicola Lange (2006) que os integrantes

desse grupos reclamavam da dificuldade em montar peças mais complexas, que não fossem comédias, pois não geravam interesse do público. Os atrativos para continuar foram diminuindo e esses grupos deixaram de atuar em princípios da década de 1970.

Não existiam, porém, só anúncios de peças teatrais; havia uma certa frequência de informes sobre produtos e serviços escritos em alemão. Esses classificados apresentavam anúncios variados. Temos registro de uma quantidade expressiva, que chama bastante a atenção, de procura por empregadas domésticas que falassem a língua alemã. Muitas vezes os anúncios explicitavam que não era para trabalhar em Santa Catarina. Alguns procuravam *Mädchen* (moças), e era comum que se solicitasse uma jovem e com capacidade de cozinhar: "*dass auch etwas kochen kann*". Os padrões definiam o perfil da família, como, por exemplo, "*zur kleine deutscher Familie*", uma pequena família alemã (Maedchen, 1954, p. 2). Um anúncio em busca de uma babá (*Kindermaedchen*) para dois garotos comportados de 2 e 4 anos indicava que moravam em Santos, na praia ("*Wir wohnen in Santos am Strand*"), e que mais informações deveriam ser endereçadas a uma caixa postal em São Paulo (*Kindermaedchen*, 1958, p. 2). Em 1959 temos um "*Webereitechniker*" (técnico de tecelagem) oferecendo seus serviços, frisando sua especialização em "*baumwolle, Rayon und Naylor*", ou seja, algodão, raiom e náilon (*Webereitechniker*, 1959, p. 2). Essa situação não parecia ser incomum, e a contratação de estrangeiros ocorria de forma mais intensa que atualmente. A Nação dá um sinal disso ao publicar um artigo jurídico de esclarecimento sobre a equiparação de salário entre nacionais e estrangeiros quando do exercício em funções análogas (A Lei [...], 1961, p. 2). Apesar de anúncios como o do sujeito não identificado de "54 anos, casado sem filhos, alemão nato", sabendo falar e escrever "perfeitamente português e alemão" (Procuo [...], 1959, p. 2), não serem tão corriqueiros, vários deles indicam uma ainda existente conexão com a Alemanha e com a língua alemã nas décadas seguintes à Nacionalização e, sobretudo, a preferência e o esforço pela continuidade de sua prática idiomática.

Percebemos, nos anúncios de classificados e propagandas, elementos que indicam uma continuidade da língua e a valorização de produtos alemães, como a oficina "Radio-Funke" (*Funk* significa rádio em alemão), que, além de reparar aparelhos, também vendia discos "com gravações a seu gosto, especialmente alemães" (E não esqueça, 1952, p. 5). De forma semelhante, a Casa Willy Sievert S.A. anunciava que possuía para venda "rádios RCA Vitor e Siemens (alemão)" (Discos [...], 1954, p. 3). Um anúncio oferecia para venda uma "motorrad – BMW", uma moto da BMW (Motorrad-B.M.W., 1959, p. 2). Pela descrição, que além de especificar questões técnicas indica ser um "*nachkriegsmodell*" (modelo do pós-guerra), provavelmente seria o modelo R 51/3. Isso indica que produtos alemães estavam sendo comprados, mesmo coisas mais caras e complicadas como veículos automotores. O mesmo vale para o trator da marca austríaca Warchalowski (Vende-se motor [...], 1959, p. 2), o carro da Opel, modelo Kapitan de 1939 (Vende-se Opel [...], 1961, p. 2), ou os "vinhos alemães" vendidos por Kurt Koch (Bebidas [...], 1959, p. 2).

Além dos produtos, percebemos que a língua continuou a exercer algum prestígio ao analisarmos anúncios de emprego. Pode ser compreensível que alguma loja buscasse funcionários que falassem alemão, afinal se deseja agradar o cliente, fidelizá-lo, e para isso se recorria a recursos mais variados que preços baixos. Quando a Casa Husadel requisitava uma balconista, deixou claro que procurava "uma moça de boa família preferivelmente com prática de vendas e que fale corretamente o português e alemão" (Balconista, 1954, p. 2). A busca por funcionários que dominassem *as duas línguas* não se restringia aos atendentes. Felix Willerding recrutava um auxiliar de escritório "para serviços gerais", no que dava "preferência a pessoa que fale alemão" (Felix [...], 1958, p. 2). Quando a construtora de poços artesianos e bombas HOH Ltda. procurava por "um competente escriturário", seu primeiro requisito era "saber falar português-alemão" (Precisa-se, 1958, p. 2). Quando a Buschle & Lepper Ltda. buscava um "auxiliar

de escritório até 25 anos”, solicitava alguém “com curso ginásial e quites com o serviço militar”, dando-se “preferência para quem tenha prática de expedição, saiba escrever a máquina e falar alemão” (Auxiliar [...], 1959, p. 2).

Nos anúncios de emprego encontramos no *A Nação* um que procurava garçom para trabalhar num casamento no Tabajara Tênis Clube: “*Kellner gesucht für ein Hochzeits-Bankett in Tabajara Tennis Club*”. Na mesma página, vemos outro anúncio semelhante, também em busca de um garçom, prometendo um “*gutem Lohn*” e exigindo “*welcher Praxis hat unter feiner Gesellschaft zu dienen und Deutsch sprechen kann*”: bom ordenado para alguém com prática em servir a fina sociedade e que saiba falar o alemão (Kellner [...], 1954, p. 2).

Essa é a ponta que nos ajuda a adentrar as Gazetas Nupciais, chamadas de *Hochzeitszeitungen*, uma tradição alemã de no dia do casamento fazer um jornal cômico envolvendo os noivos, os principais convidados e seus locais de origem. Observando ao longo do tempo, essas gazetas também vão se tornando menos comuns conforme a década de 1960 avança, até desaparecerem. Além disso, notamos nas Gazetas Nupciais uma presença cada vez mais mista entre o uso do alemão e do português nessa mesma cronologia. Há uma interrupção de tal hábito por causa da Lei de Nacionalização durante o Estado Novo, mas notamos que era um costume das classes mais abastadas desde o começo do século XX nas regiões de imigração de Santa Catarina. Verifica-se ainda que a tipografia gótica era utilizada até a Segunda Guerra; de modo semelhante ao que ocorreu na Alemanha, após esse evento o gótico deixou de ser uma tipografia comum.

Encontramos nas Gazetas Nupciais elementos interessantes, sobretudo pelo seu esforço cômico. Em geral há canções populares de língua alemã, *Volkslied* (canções populares) e *Studentenlied* (canções universitárias), parodiadas com piadas e trocadilhos sobre os noivos e seus convidados. Também eram colocados anúncios falsos, como por exemplo o que foi publicado na Gazeta Nupcial de bodas de diamante de Max e Clara Hering: “*Wichtig für Aktienbesitzer*” (importante para os acionistas), em que se afirmava que os acionistas são “*Dumm und frech*” (burros e espertos), *Dumm* pois deixam seu dinheiro no controle dos outros e *frech* na medida em que recebem seus “*Dividenden*” (dividendos) (Der Urwaldsbote, 1958, p. 11). Havia ainda brincadeiras com os empréstimos tomados da língua portuguesa, como ao colocar um anúncio para a venda de gasolina escrevendo “*Gasolin*” em vez de *Benzin*, ou especificar uma medida como “*1 Meter und tanto*” (1 metro e tanto), (Die “*Wahrheit*”, 1956, p. 4, p. 8). Houve ainda o caso em que foi feita uma seção de “*Telegramme*”, na qual Egon Felsen e Heinzen-Carl enviaram “ao gasal muidas felizitates, nas podas de brada venhamos” (Hochzeits-Zeitung, 1948, p. 8), transliterando as características de um sotaque alemão carregado ao falar português. O que notamos no humor dessas gazetas é uma parcela dos signos que constituem um grupo, que procura não só falar a mesma língua, mas também rir junto. O riso não é um fenômeno individual, e sim, como temos claro desde Mikhail Bakhtin (2008), um produto e produtor social. Afinal, “não saborearíamos a comicidade se nos sentíssemos isolados”, e por isso “parece que o riso precisa de eco”, dado que o “riso é sempre o riso de um grupo” (Bergson, 2001, p. 4-5). Não é trivial que se tenha escolhido compartilhar esse riso utilizando a língua alemã.

CONCLUSÃO

O que observamos na história da língua alemã no Brasil após a Campanha de Nacionalização do Estado Novo é um notável esforço pela sua prática e a permanência de tensões em torno de falar esse idioma. Havia uma boa vontade do empresariado e das elites germanófilas em apoiar tal projeto, publicando textos em alemão nos jornais,

trazendo trupes de teatro alemão ou dando a preferência pela aquisição de produtos alemães. Apesar desses esforços, não podemos negar um declínio da prática do alemão após a Campanha de Nacionalização – a bem da verdade, a campanha operada pelo Estado Novo, em oposição à praticada durante o envolvimento brasileiro na Primeira Guerra, obteve continuidade ao não permitir mais a reabertura das escolas alemãs. A intriga publicizada pelo periódico *A Nação* com as autoridades militares e jurídicas aponta para o esforço institucional de instaurar a ausência do alemão em espaços públicos. A demora de aproximadamente seis anos para a vinda à lume da coluna alemã também nos indica essa dificuldade. Medo, impedimento legal, pressão, falta de domínio do idioma? O que de fato produziu tal atraso é especulativo. O que não é especulativo é o esforço de descendentes e imigrantes teutos pela retomada do alemão em espaços públicos e o desagrado causado às autoridades judiciais e militares.

Observamos na prática que a manutenção do idioma alemão em espaços públicos não se sustenta. Ele ainda hoje é praticado espontaneamente, é verdade, no entanto continua em comunidades e famílias muito específicas. E, apesar da ausência de um censo para afirmação segura dessa ideia, a língua alemã ocorre em cada vez menor número de adeptos. Se os relatos indicam que no período pré-Nacionalização era possível comunicar-se em locais como Blumenau ou Joinville apenas em alemão (favorecendo até mesmo a vinda de trabalhadores da Europa), isso não é algo que se aplicaria aos dias de hoje. Se na padronização do alemão na Europa a mídia de massas (rádio e televisão) causou forte impacto (Casemir; Fischer, 2013), temos no caso brasileiro um advento dessas mídias, justamente no recorte das décadas de 1940 e 1960, em que prevalece o uso do português. E, se ainda era possível manter a língua alemã entre as famílias abastadas que viajavam ou estudavam na Europa, como ficava a imensa maioria composta por colonos e operários, sem dinheiro para viagens internacionais? Além disso, mesmo entre a camada rica de descendentes de alemães, ao longo do pós-guerra passou a fazer mais sentido aprender o inglês em vez do alemão. Também cabe observar que, com o estabelecimento de um sólido corpo universitário no Brasil, a formação superior poderia ser toda feita em território nacional e em língua portuguesa (Kohlhepp; Renaux, 2007). Assim sendo, defendemos que a prática da língua alemã não acaba, mas se restringe, tanto em número de falantes quanto ao espaço privado – clubes, eventos específicos, entre familiares, amigos etc. Em grande medida, isso já é um fenômeno conhecido, mas ainda há uma lacuna em como esse fenômeno atual se constituiu historicamente. É notável o esforço pela manutenção do uso do alemão no pós-guerra.

Em todo esse processo, é curioso percebermos um senso de distinção atrelado à língua alemã e à ascendência (“a memória de nossos pais, não se esqueça da língua alemã”, conforme vimos). Ou seja, uma conexão com o passado justificaria um lugar no presente. Esse sentimento de distinção não é silenciado junto com a prática da língua alemã, mas parece continuar ocupando o espaço público relacionado a essas comunidades de identificação imigrante – a língua some, mas a distinção identitária não. René Gertz (2013) observa a persistência de uma memória em torno da Campanha de Nacionalização e a guerra, mesmo passados tantos anos. A derrota alemã, a publicidade dos horrores nazistas e a perseguição aos falantes do alemão compõem uma complicada e entrelaçada memória, que a partir da década de 1970 parece se redimir por meio do turismo de contornos folclóricos, de um presidente com sua origem numa dessas comunidades (como é o caso de Ernesto Geisel – 1974-1979) e de uma Alemanha Federal reconstruída pelo Plano Marshall e consolidada como potência, autorizando esse tipo de ufanismo identitário, apesar de seus problemáticos contornos racistas. Sobre esse arrogante sentimento, podemos aprender com Pierre Bourdieu; segundo ele, dentre os elementos de distinção temos, além do capital cultural, “um conjunto de *características auxiliares* que, a título de exigências tácitas, podem funcionar como princípios reais

de seleção ou exclusão sem nunca serem formalmente enunciados”, como é o caso da “filiação étnica” (Bourdieu, 2011, p. 97, grifo do autor).

Ao avaliar “a brancura desconfortável das camadas médias brasileiras”, John Norvell (2001) constatou como estas atrelam sua origem a algo particular, excluída do modelo social da *plantation*. Ou seja, não seriam nem antigos latifundiários nem ex-escravizados, o que lhes permitia justificar uma ausência de características brasileiras, como dançar samba, por seu viés de origem genético distinto de lusos e afros – sua origem, portanto, não estaria nem na casa-grande nem na senzala. Porém, quando relacionamos o comportamento social a algum elemento biológico, temos em síntese o que definiu o racismo ao longo da história. Houve possibilidade de continuar esse sentimento de distinção por intermédio da manutenção de narrativas sobre o passado, pois a Campanha de Nacionalização estava focada na prática de idiomas e não no entendimento sobre o passado. Nunca foi negada a origem imigrante, e na *performance* permitida pelas festas turísticas de contorno folclórico mostrou-se possível uma narrativa de continuidade dessa distinção identitária em relação ao resto do Brasil. Mesmo diante da ruptura significativa no hábito de falar alemão, até então um dos elementos mais importantes para a afirmação de tal identidade distinta, quando a Campanha de Nacionalização focou no aspecto da língua, o sentimento arrogante de distinção étnica pôde permanecer mesmo diante de tão significativa ruptura.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo**. Lisboa: Edições 70, 1991.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.

BERGSON, Henri. **O riso**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. 2. ed. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2011.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **A construção política do Brasil: sociedade, economia e Estado desde a Independência**. São Paulo: Editora 34, 2015.

CAMPOS, Cynthia Machado. **A política da língua na Era Vargas: proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

CAREZIA, Roberto Marcelo. Blumenau e a modernização urbana: alterando costumes (1940-1960). *In*: FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Méri (org.). **Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes**. Blumenau: Nova Letra, 2000.

CASEMIR, Kirstin; FISCHER, Christian. **Deutsch: die Geschichte unserer Sprache**. Darmstadt: Primus Verlag, 2013.

DA SILVA, José Ferreira. **Imprensa em Blumenau**. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1977.

FALCÃO, Luiz Felipe. **Entre ontem e amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX**. Itajaí: Editora da Univali, 2000.

FÁVERI, Marlene de. **Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina**. Itajaí: Editora da Univali; Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. **Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

FRITZEN, Maristela Pereira. **“Ich kann meine name mit letra junta und letra solta schreiben”**: bilinguismo e letramento em uma escola rural localizada em zona de imigração alemã no sul do Brasil. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008a.

FRITZEN, Maristela Pereira. Ich spreche anders, aber das ist auch deutsch: línguas em conflito em uma escola rural localizada em zona de imigração no sul do Brasil. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 47, p. 341-356, jul./dez. 2008b.

FROTSCHER, Méri. **Da celebração da etnicidade teuto-brasileira à afirmação da brasilidade: ações e discursos das elites locais na esfera pública de Blumenau (1929-1950)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

FROTSCHER, Méri. **Identidades móveis: práticas e discursos das elites de Blumenau (1929-1950)**. Blumenau: Edifurb, 2007.

GERTZ, René Ernani. A guerra que ainda não terminou: a população de origem alemã no Rio Grande do Sul após a Segunda Guerra Mundial. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA REGIONAL, 2., 2013. **Anais eletrônicos [...]**, 2013.

HACKENHAAR, Clayton. O Estado Novo em Santa Catarina (1937-1945): disputas políticas e conflitos culturais. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: LUGARES DOS HISTORIADORES, VELHOS E NOVOS DESAFIOS, 28., Florianópolis, 2015. **Anais [...]**, 2015.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terance (org.). **A invenção das tradições**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

KOHLHEPP, Gerd; RENAUX, Maria Luiza. Desenvolvimento industrial e identidade regional nos tempos da globalização: Blumenau e o nordeste de Santa Catarina. **Blumenau em cadernos: edição especial 50 anos**, n. 11/12, t. XLVIII, p. 159-186, nov./dez. 2007.

LANGE, Nicola. **Ein deutschsprachiges Tournee-Ensemble in Lateinamerika: Die Deutschen Kammerspiele**. München: Grin Verlag, 2006.

MACHADO, Ricardo. A invenção da cidade etnizada: História e memória na Blumenau contemporânea (1974-2002). *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 26.*, São Paulo, julho de 2011. **Anais [...]**, 2011.

MAILER, Valéria Contrucci de Oliveira. **O alemão em Blumenau: uma questão de identidade e cidadania**. Dissertação de mestrado em linguística. Florianópolis: UFSC, 2003.

MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (org.). **Os alemães no sul do Brasil**. Canoas: Editora Ulbra, 1994.

NORVELL, John M. A brancura desconfortável das camadas médias brasileiras. *In: REZENDE, Claudia Barcellos; MAGGIE, Yvonne (org.). Raça como retórica: a construção da diferença*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 245-267.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. **Plurilinguismo no Brasil**. Brasília: Unesco: Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEYFERTH, Giralda. A colonização alemã no Brasil: etnicidade e conflito. *In: FAUSTO, Boris (org.). Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 1999. p. 273-314.

SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

SILVEIRA, Fernanda Baukat. **Teatro amador em língua alemã: o grupo teatral independente de Curitiba (1948-1968)**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

Fontes

BACURAU. Direção: Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2019. 132 min.

Arquivo Histórico de Blumenau

DOSSIÊ "Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes" (9.11.2.4.1). s.d. Fundo Memória da Cidade.

DOSSIÊ "Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes" (9.11.2.4.1). 1963. Fundo Memória da Cidade.

DOSSIÊ "Sociedade 25 de Julho" (9.12.1 doc-01). 1978. Fundo Memória da Cidade.

DOSSIÊ "Sociedade 25 de Julho", sem catalogação. 20. jul. 1957. Fundo Memória da Cidade.

Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina – Setor de Obras Raras (Florianópolis – SC)

A LEI trabalhista perante os tribunais. **A Nação**, Blumenau, ano XVII, n. 248, p. 2, 15 abr. 1961.

AUXILIAR para escritório. **A Nação**, Blumenau, ano XIII, n. 305, p. 2, 5 jan. 1959.

BALCONISTA. **A Nação**, Blumenau, ano X, n. 391, p. 2, 7 fev. 1954.

BEBIDAS estrangeiras. **A Nação**, Blumenau, ano XIII, n. 727, p. 2, 20 dez. 1959.

DIE HOHENSTEINER Puppen-Spiele. **A Nação**, Blumenau, ano XIII, n. 229, p. 3, 20 set. 1958.

DISCOS Polydor. **A Nação**, Blumenau, ano X, n. 417, p. 3, 12 mar. 1954.

E NÃO ESQUEÇA. **A Nação**, Blumenau, ano IX, n. 171, p. 5, 28 dez. 1952.

ESTAMOS com a Lei. **A Nação**, Blumenau, ano IV, n. 838, p. 8, 12 fev. 1947.

FELIX Willerding Ind. e Com. **A Nação**, Blumenau, ano XII, n. 109, p. 2, 15 maio 1958.

GASTSPIEL Willi Polewka wieder in Blumenau. **A Nação**, Blumenau, ano XIII, n. 555, p. 6, 11 set. 1959.

KELLNER Gesucht. **A Nação**, Blumenau, ano X, n. 412, p. 2, 5 mar. 1954.

KINDERMAEDCHEN. **A Nação**, Blumenau, ano XII, n. 100, p. 2, 4 maio 1958.

- MAEDCHEN. **A Nação**, Blumenau, ano X, n. 411, p. 2, 5 mar. 1954.
- MOTORRAD-B.M.W. **A Nação**, Blumenau, ano XIII, n. 710, p. 2, 2 dez. 1959.
- NADA de Ondas. **A Nação**, Blumenau, ano IV, n. 837, p. 1, 11 fev. 1947.
- PÁGINA Alemã. **A Nação**, Blumenau, ano IV, n. 835, p. 4, 6 fev. 1947.
- PÁGINA Alemã. **A Nação**, Blumenau, ano IV, n. 836, p. 1, 7 fev. 1947.
- PÁGINA Alemã. **A Nação**, Blumenau, ano IV, n. 837, p. 1, 8 fev. 1947.
- PRECISA-SE. **A Nação**, Blumenau, ano XII, n. 14, p. 2, 19 jan. 1958.
- PROCURO colocação. **A Nação**, Blumenau, ano XIII, n. 586, p. 2, 20 out. 1959.
- TEATRO Carlos Gomes. **A Nação**, Blumenau, ano XVII, n. 243, p. 4, 9 abr. 1961.
- TEATRO Carlos Gomes. **A Nação**, Blumenau, ano XIII, n. 119, p. 2, 29 maio 1958.
- VENDE-SE MOTOR diesel. **A Nação**, ano XIII, n. 302, p. 2, 10 jan. 1959.
- VENDE-SE OPEL Kapitän 1939. **A Nação**, Blumenau, ano XVII, n. 248, p. 2, 15 abr. 1961.
- WEBEREITECHNIKER. **A Nação**, Blumenau, ano XIII, n. 361, p. 2, 13 fev. 1959.

Hemeroteca Digital Catarinense

DER URWALDSBOTE Sonderausgabe aus Anlass der seltenen Feier der "Diamanten Hochzeit". Blumenau, den 3. August 1958. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/derurwaldsbote/DERH1958.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2025.

DIE "WAHRHEIT" herausgegeben anlässlich der Vermählung des Herrn Karl Riscbieter mit Fräulein Freya Nebelung. Blumenau, am 26. Januar 1956. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/diewahrheit/DIEWAH1956.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2025.

HOCHZEITS-ZEITUNG zur Vermählungsfeier des Herrn Carlos C. Zadrozny mit Fräulein Asta Schindler. Blumenau, den 16. Oktober 1948. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/hochzeitszeitung/HOCH1948.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2025.